

## Editorial

# Pandemia e pobreza

A característica igualitária de uma pandemia como a de Covid-19 se resume à possibilidade do contágio em pessoas de qualquer classe social, em qualquer lugar do planeta. Mas tanto os riscos de disseminação da doença quando os efeitos econômicos da recessão que já afeta vários países, são cada vez mais sentidos pelas populações menos favorecidas. No que diz respeito aos impactos sociais da desaceleração da economia, a preocupação de organismos internacionais tem sido compartilhada com os governos, a

fim de que medidas compensatórias sejam tomadas para retardar e minimizar as consequências que podem levar a nos para serem revertidas.

A Organização das Nações Unidas (ONU) e o Banco Mundial estimam que cerca de 100 milhões de pessoas entrem na faixa de extrema pobreza – com menos de R\$ 10 por dia de renda – devido à pandemia. E para trazê-las de volta para uma situação de pré-pandemia, a previsão da ONU é de cerca de uma década, em ambiente propício, de contínua recuperação econômica global. O presiden-

te do Banco Mundial, David Malpass, alertou no fim de agosto que o número de novos pobres ainda pode ser maior, caso a contaminação continue se espalhando. E sugeriu aos credores que reduzam o montante das dívidas dos países onde a crise deve ser maior. Para o ex-representante da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), Francisco Sarmiento, em entrevista à Vatican News, o risco de fome e subnutrição cresce porque se dá “um aumento brutal da pobreza sem que os países tenham as condições de esta-

belecer políticas de proteção social que amortecem esse impacto”.

Uma face do empobrecimento constatado e em expansão é que a desigualdade de gênero está se aprofundando com o novo coronavírus, como aponta um relatório do Programa de Desenvolvimento da ONU (UNPD). Com a incorporação dos pobres da pandemia, serão 435 milhões de mulheres e meninas em situação de extrema pobreza no mundo, segundo a ONU, que ressalta o papel feminino para a retomada. “Mulheres assumem a maior parte da responsabilidade em casa e com a família. Elas ganham menos, conseguem economizar menos, e têm trabalhos menos seguros”, afirmou a diretora-executiva da ONU Mulheres, a sul-africa-

na Phumzile Mlambo-Ngcuka. A taxa de pobreza entre mulheres, cuja estimativa era de queda de 2,7% até 2021, deve dar um salto de 9% no ano que vem, por causa da pandemia.

No Brasil, a decisão do governo de distribuir um auxílio emergencial de R\$ 600 por pessoa para amenizar os efeitos da pandemia, revelou-se um antídoto contra o aprofundamento da pobreza. A ajuda chegou a 30% da população, puxando os índices de pobreza no País para os níveis mais baixos em 16 anos, de acordo com a Fundação Getúlio Vargas. O auxílio deve ser estendido até o final do ano, com menor valor, e já entra para a história como um dos mais eficazes programas de renda mínima já implantados, por força da pandemia.